

O GLOBO

IRINEU MARINHO (1925)

RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 2004 • ANO LXXIX • Nº 25.834 • www.oglobo.com.br

ROBERTO MARINHO (1925-2003)

INFORMÁTICA *etc*/ESPECIAL

Fotografia digital

Entenda a revolução da imagem



SEGUNDO CADERNO/ESPECIAL

CAYMMI

Noventa anos de praia

• Compositor único, criador de clássicos, Dorival Caymmi festeja, hoje, seus 90 anos, esbanjando sabedoria e lucidez, como mostra em entrevista ao GLOBO. “A quarta idade é nova versão de vida. Posso estar caminhando para o fim, mas *tá* bonito...”, filosofa Caymmi.

E AS COLUNAS DE ARTHUR DAPIEVE, PATRÍCIA KOGUT, JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS E HÁ 50 ANOS NO GLOBO

Leonardo Aversa e Arquivo



REVISTA RIO SHOW

• Cafezinho no balcão, show na praia, Biscoito Globo no sinal e outras 47 coisas que um verdadeiro carioca deve experimentar.

Respostas às dúvidas de última hora sobre o Imposto de Renda

Página 29

Origens: *Como ser o baiano mais carioca do mundo • 2*

SEGUNDO CADERNO

Perfil: *Como o compositor vê o mundo e a vida hoje • 4 e 5*

SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 2004

Leonardo Aversa

A quarta

Compositor completa hoje 90 anos e também comemora o sucesso de uma obra cada vez mais popular

idade

de Caymmi

Dorival Caymmi chega, hoje, aos 90 anos, ou à "quarta idade", como conta em entrevista ao GLOBO, com direito a todas as homenagens. Essa edição do Segundo Caderno, integralmente dedicada ao compositor, é uma delas. Baiano de Salvador, que chegou ao Rio em 1938, onde desenvolveu uma das mais bem lapidadas e pessoais obra da canção brasileira, ele tem o raro dom de ser sofisticado e popular. Fruto também de muito trabalho de alguém que tanto buscou inspiração no folclore quanto no clássico. Algumas de suas canções estão tão entranhadas na memória do brasileiro que há quem pense se tratarem de obras de domínio público. Aí talvez esteja uma das maiores homenagens que um artista possa sonhar. E isso Caymmi tem saboreado desde o início de sua carreira, quando, em 1939, na voz de Carmen Miranda, criou uma das personagens típicas do Brasil em "O que é que a baiana tem?". Delas — baianas, cariocas, mineiras, Doras, Marinas, vizinhas do lado... — já sabemos muito, mas a pergunta ainda vale para tentar decifrar o agora nonagenário: O que é que Caymmi tem?





Leonardo Aversa

A QUARTA IDADE DE CAYMMI

João Máximo

Se o moço de 23 anos — cuja neta e biógrafa, Stella, descreveria um dia como “magro, mulato, com 1,66m de altura, modesto e asseado” — não deixava de ser baiano pelo fato de mudar-se de vez para o Rio, certamente começava a tornar-se carioca ali mesmo, ao pisar o chão do Cais do Porto na Praça Mauá na manhã de 4 de abril de 1938. Como homem e como artista, estava destinado a carregar pela vida afora uma dupla cidadania não só existencial, mas sobretudo poético-musical. Chegava para ser, com suas canções, as já feitas e as ainda por fazer, o baiano mais carioca do mundo. Em duas palavras: Dorival Caymmi.

O Rio das duas décadas em que ele construiria o mais importante de sua obra — as de 40 e 50 — era uma cidade não só maravilhosa, mas sobretudo sedutora. Quem desembarcasse nela era para sempre. Tudo, a política, o jornalismo, as artes, a inteligência, a vida boêmia, acontecia naquela velha capital que os paulistas, enciumados, chamavam de “grande balneário”, apesar de o centro nervoso de tudo aquilo ainda não ter tomado o caminho do mar. De fato, quando o moço *desceu do ita que o trouxe de Salvador, o Rio boêmio, e nele a canção popular, ainda se concentrava na Lapa, na Cinelândia, na Praça Tiradentes e em outros pontos do Centro, de onde mal se via o mar. Ali ficavam os cabarés, as gafieiras, as sociedades carnavalescas. E também os teatros, os poucos estúdios de cinema, as muitas estações de rádio, as fábricas de disco, os principais meios de divulgação musical na década que ia chegando ao fim. Musicalmente falando, tudo que havia do outro lado eram os cassinos, o Atlântico e o da Urca, com seus luxuosos shows para turista ver.*

A boemia toma o caminho do mar

• Dorival Caymmi chegou no exato momento em que as coisas começavam a mudar. Ou seja, quando a boemia musical foi se deslocando do Centro para a Zona Sul. No início, o moço hospedou-se em pensão da Rua São José, ao lado do Café Rio Branco (famoso por reunir a turma da música e do futebol, Ary Barroso pontificando). Hesitou em desembulhar o violão (as pessoas costumavam confundir seresteiro com vagabundo) e fez bico como desenhista na revista “O Cruzeiro” (primeiros esboços do bom pintor que ainda seria). Enfim, tudo no Centro da cidade. Na época, quando queria matar a saudade do mar, caminhava sozinho pela Avenida Rio Branco até a Praça Mauá. Só mesmo a saudade pode explicar como “O mar” e outras de suas canções praiereiras nasceram nestas caminhadas.

O sucesso veio logo. Menos de um ano depois de ter chegado ao Rio, já era conhecido. No rádio, estreando na Tupi como compositor e cantor de “canções regionais” (era assim que os *speakers* costumavam anunciar quase toda música não urbana, não carioca). No teatro, participando de espetáculos de palco-e-tela, então muito comum. No cinema, ajudado pelo acaso. A história é bastante conhecida: Ary Barroso pedindo muito dinheiro para que seus sambas sobre a Bahia fizessem parte da trilha sonora de “Banana da terra” e os produtores correndo atrás de um substituto mais barato. Com a ajuda de Almirante, foram buscar Caymmi, cujo “O que é que a baia-



COM JOÃO GILBERTO, em 1966: próximo da bossa nova sem ser bossa-novista

Chega ao Rio o baiano mais carioca do mundo

Sambas e sambas-canções são a outra face (não menos genial) do poeta que cantou o mar

na tem?” parecia sob medida para Carmen Miranda cantar. Sucesso. Consagrador da baiana estilizada e de um baiano de verdade.

O carioca aconteceu nas duas décadas fundamentais que se seguiram. A boemia musical do Rio foi se mudando para a beira do mar ao longo dos anos 40, quando o túnel recém-aberto, ligando o Mourisco ao Leme, permitiu que Copacabana começasse a dar asilo aos cariocas que a violência policial, em nome dos bons costumes, foi expulsando da Lapa e adjacências. Desapareciam os cabarés (como desapareceriam os cassinos com a proibição do jogo) e, aos poucos, pequenas e escuras casas noturnas, afrancesadamente chamadas de *boite* (caixa), iam abrindo suas portas de um posto ao outro do bairro. Seria quase uma em cada quadra quando os anos 50 chegassem.

Caymmi viveu intensamente as duas décadas. Se na essência ele permaneceria baiano a vida toda, os gestos, o jeito seestroso, a fala cantada na voz encorpada de barítono afro, o carioca foi se amoldan-

do a cada época. Nos anos 40, a um Rio mais alegre, mais vivo e até mais festivo, nos tempos subsequentes ao fim da guerra e da ditadura Vargas. O Caymmi baiano, produzindo obras-primas das canções praiereiras. O Caymmi carioca, compondo sambas ágeis, balanceados, não raro carnavalescos: “Doralice”, “Lá vem a baiana”, “Requebre que eu dou um doce”, “Acontece que eu sou baiano”, “Samba da minha terra”, “Rosa Morena”, alternando-se a “É doce morrer no mar” e a primeira safra de admiráveis “canções regionais”. Sambas mais alegres, porque mais alegre era o Rio do Janeiro que Caymmi frequentava numa década em que tudo, até a guerra, virava samba.

Já nos anos 50, um Rio mais noturno (e soturno) abrigou a boemia musical carioca. Um Rio onde Caymmi varava madrugada com Vinicius de Moraes, Antônio Maria, Fernando Lobo; ou encantava mulheres, solteiras ou nem sempre (Tônia Carrero é uma que se lembra do Caymmi irresistível daqueles tempos); ou que dava trabalho

à própria mulher, Stella, que ele conheceu cantando samba de Noel Rosa na Rádio Nacional (mais de uma vez ela foi arrancá-lo à força das festas proibidas do Clube dos Cafajestes); ou que era cultuado pelos mais atuantes grã-finos da cidade (de um deles, seu parceiro Carlos Guinle, dizia-se: “Nos sambas dos dois, Caymmi entra com letra e música, e Carlinhos, com o uísque”). Enfim, um Rio no qual Caymmi sabia transformar em música tanto as histórias de pescadores quanto a vida dissipada dos boêmios da Zona Sul, quase bebendo tristeza em mesa de boate. Em resumo, se o samba ritmado foi a trilha sonora dos anos 40, o sambacção, lento, dolente, melancólico, embalaria os amores muitas vezes frustrados dos anos 50.

De qualquer forma, o Caymmi baiano e o Caymmi carioca conviveram musicamente nas duas décadas, criando em ambas suas canções de pescador, jóias falando em dramas e tragédias vividos no mar e nas praias da Bahia, e ao mesmo tempo compondo sambas, primeiro, e sambas-canções, depois, com

corpo e alma de Rio.

Esse Caymmi esteticamente ambivalente é o que vai complicar a vida dos estudiosos de sua obra, sobretudo aqueles que já viram nele um “precursor da bossa nova”. A inclusão de seu nome num balaio onde parece sempre caber mais um certamente se deve a seu aval ao LP de estréia de João Gilberto (e ao fato de o repertório deste incluir “Doralice”, “Saudade da Bahia”, “Samba da minha terra” e outras) do que propriamente a música ou letra sintonizadas com a bossa nova. Numa como noutra, quem percebe a presença de um precursor? A não ser aquele exegeta que já detectou até traços de atonalismo na música, ou aquele outro para quem Caymmi “não fala, em seus sambas e canções, de desencontros, decepções, ressentimentos ou rancores amorosos”.

Mais testemunha que personagem

• Na verdade, a música e a poesia de Caymmi explicam-se por si mesmas. Ambas primam pela simplicidade, esse grande mistério da beleza em arte. Nem a música contém os elementos rítmicos e harmônicos que formalmente caracterizam a bossa nova, nem a poesia abre mão de cantar as dores de amor que, segundo alguns teóricos, eram tudo a que os jovens letristas do movimento se opunham. Se estes cantavam o barquinho a deslizar no macio azul do mar, a jangada de Caymmi voltava só. E se seus sambas-canções podiam ser positivos, otimistas (“Um bom lugar pra se amar, Copacabana...”), também podiam falar de desencontros (“Você não sabe amar, meu bem? não sabe o que é o amor...”), decepções (“Oh, insensato coração, por que me fizeste sofrer...?”), ressentimentos (“Nunca mais vou querer seu amor, nunca mais/O que tu me fizeste, amor, foi demais...”). E a esses cantos que o exegeta nega juntam-se ainda o da solidão (“Tão só, tão só, tão só sem ninguém...”) e o da mocidade perdida (“É a vida que já se vai/O fim se aproxima...”). Nada menos bossa nova.

Mas não se pense num carioca enfiado, sem esperança, curtindo tristeza sob o céu de Copacabana. Seus sambas-canções foram apenas crônicas de um tempo cujas dores de amor ele testemunhou mais do que viveu. Exatamente como o baiano que cantou as dores do mar. ■

Dorival Caymmi por ele e pelos outros

Hugo Sukman

• O Caymmi ideal é o cantado pelo próprio Dorival, acompanhado tão somente por seu violão. Por isso, o melhor início de caminho para sua arte refinada é “Caymmi e seu violão”, LP de 1959, disponível em CD dentro da caixa “Caymmi amor e mar” (EMI), sete CDs com todos os LPs gravados por ele para a Odeon. Vale até se endividar para ter o essencial da obra *caymmica*, das “Canções praiereiras” (1954) à celebração da família musical de “Dori, Nana, Danilo e Dorival Caymmi”, um ao vivo de 1987.

Mas há Caymmi por ele mesmo fora da caixa. Do heróico selo Elenco, devidamente relançado pela Universal, são obrigatórios o “Caymmi visita Tom” (1964), Dorival, Nana, Dori e Danilo (os dois filhos homens em suas primeiras gravações) com Tom Jobim, e “Vinicius e Caymmi no Zum Zum” (1967), deliciosa reprodução do show com Vinicius de Moraes, o Quarteto em Cy e o conjunto de Oscar Castro Neves.

A segunda melhor maneira de ouvir Caymmi é por seus filhos. O preferido do mestre é o recém-lançado “Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo” (Warner), os três formando afinado grupo vocal cantando exclusivamente os

sambas de Caymmi como ele gosta de ouvi-los.

Em trabalhos solos dedicados à obra do pai, Dori, o filho-maestro, injeta acordes em profusão nas canções praiereiras do pai em “Tome conta do seu filho que eu também já fui do mar” (Universal), o cerne da obra de Caymmi em arranjos modernos, densos, sofisticados; Nana canta uma sutil biografia musical do pai em “O mar e o tempo” (Universal), *trilha sonora* de sua biografia propriamente dita escrita pela neta Stella, que abarca o Caymmi aquarelista da velha Bahia (“Festa de rua”, “Saudade de Itapoã”), o praieiro (“O bem do mar”, “Morena do mar”, “Sargaço mar”), o autor de sambas-canções cariocas (“Não tem solução”, “Você não sabe amar”), o romântico (“Desde ontem”, “E eu sem Maria”, “Cantiga”), o saudoso (“Saudade da Bahia”, “Peguei um ita no norte”), etc.

Ah, e tem o Caymmi dos outros. O mais novo é “Ao mestre com carinho” (Lua), de Claudio Nucci, arranjos contemporâneos, calcados no violão de aço do cantor. E tem as mulheres, Rosa Passos, Jussara Silveira, o mítico “Gal canta Caymmi”, tanta gente que já se dedicou à obra do fundador da moderna música brasileira.

NO GLOBO ONLINE:

Ouçã Nana, Dori e Danilo cantando Caymmi www.oglobo.com.br/cultura



CAYMMI NA ENTREVISTA para lançar a sua caixa de CDs



A QUARTA IDADE DE CAYMMI

Divulgação/Cristina Granato/6-4-98



CAYMMI BEIJA a mulher de toda a vida, Stella Maris, também cantora, a quem conheceu em 1939

'Acredito tanto no tempo quanto no mar'

Otimista e feliz com os 90 anos, Caymmi fala de velhice, política, música e tecnologia

Arnaldo Bloch

Entrar na casa de Dorival Caymmi em Copacabana às vésperas dos seus 90 anos, faz qualquer um tremer nas bases. Ao vê-lo repousando na poltrona da sala, diante do janelão dando para as árvores da velha Rua Souza Lima, a única alternativa é curvar-se e beijar-lhe a mão, que ele estende sem aparência de vaidade. Atrás da poltrona, um dos cinco balaios cheios de bengalas (somando tudo, deve chegar a umas 90...), que ele coleciona há quase meio século, embora não use nenhuma.

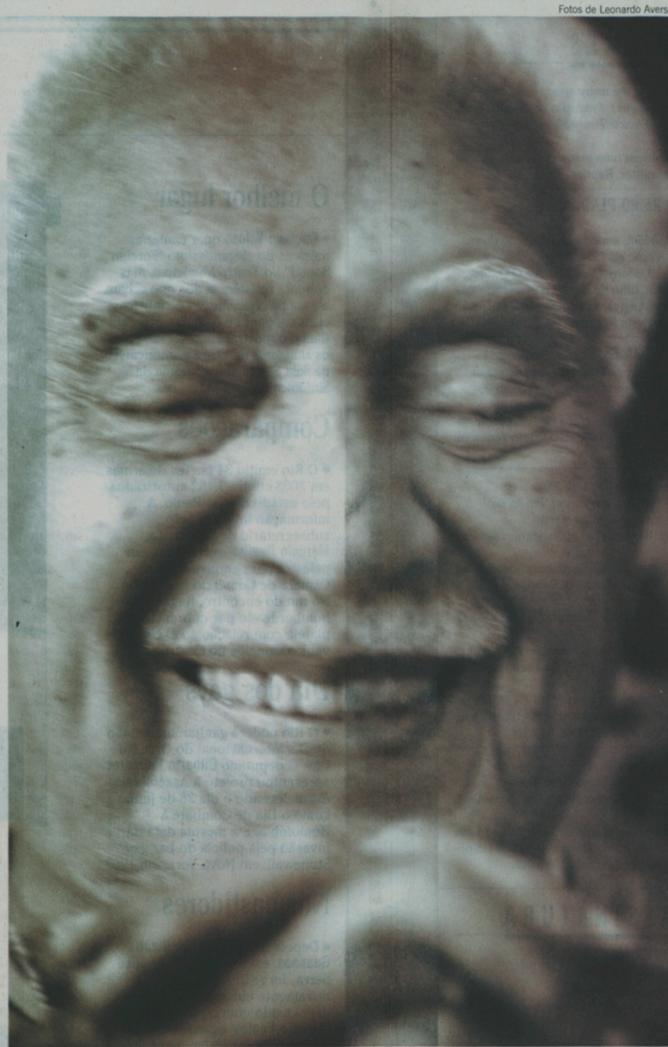
Ao sentar-se diante de Caymmi, a gente pensa até que vai ouvir um veterano lamentoso dos tempos melhores que passaram, mas aí ele escancara aquele sorriso de pescador que traz a Bahia inteira numa só expressão. E instala-se a alegria. Na sala, uma das visitas lhe dá notícias da atriz Juliana Paes, a Jaqueline Joy de "Celebidade", embalada pela canção "A vizinha do lado" em suas cenas.

— Parece que ela quer conhecer você, Dorival. — Iiih... é mesmo? Isso não vai prestar... Queixa, mesmo, só de uma tosse que interrompe a prosa, e que ele atribui à vacina contra gripe. Para Caymmi, saúde não tem idade. — Aos 80, peguei-me pensando o que é que po-

de acontecer a uma pessoa com 90... como é que Caymmi se portaria numa idade dessas? Ai, de repente, tive uma grande surpresa quando entrei no ano 2000... Se papai estivesse vivo, não ia acreditar que esse ano existe. E agora chego aos 90. Quer dizer que se está vivendo mais assim, é? Pois é. O mundo anda complicado, mas tem compensações. Coisas que aparecem de repente como se fosse a passagem do cinema mudo para o falado. Essa coisa de viver mais é uma novidade bonita da ciência. A quarta idade é uma nova versão de vida. Posso estar caminhando para o fim, mas tá bonito... da mesma forma que acredito no mar, acredito muito no tempo, tem até um orixá que leva seu nome.

Quando se chega aos 90 com esse astral, as tristezas não doem tanto. Se o violão tem que ficar guardado, se as mãos, como ele diz, "não são mais aquelas", se a voz perdeu o tônus, se o ouvido falha, isso não é, absolutamente, razão para não compor. — É um outro tipo de composição. Uma composição só para mim. Saio cantando. Não pego gravador, não registro nada. Registro na memória, e isso já basta para mim. Passei a gostar de acompanhar a vida dos meus três filhos, fico encantado com os temas que estão fazendo a Nana, o Dori, o Danilo, os três em plena atividade, modernos dentro da época, e também com consciência da beleza das coisas do passado. E minha Stella, também cantora, esse prêmio que eu ga-

"É uma nova versão de vida. Posso até estar caminhando para o fim. Mas tá bonito..."
DORIVAL CAYMMI



Fotos de Leonardo Aversa

CAYMMI SOBRE o governo Lula: "Ele está indo bem... Agora, para encontrar um herói como a gente gosta é difícil"

de e que está comigo até hoje.

A memória de Caymmi está tão boa para o passado como para o presente e até o futuro. Nos fatos do país, o olhar é de quem já viu tudo, não perde de esperança mas não é levado pelo momento: — Eu já não sinto emoções em ver governantes. O fato de o Lula ser um homem que vem de camadas desfavorecidas não é o principal. Dirigir um país não é questão de rótulo. É saber dominar a situação que se assumiu, é saber fazer evoluir, não deixar parar a máquina. Ele está indo bem, até chegar o dia de ceder lugar a outro. Agora, para encontrar um herói como a gente gosta, é difícil.

Dorival Caymmi aos 90 não se cansa de nada e, vivendo com Stella Maris entre Pequeri, em Minas Gerais, e Copacabana, cultiva aquele velho prazer pela vida que trouxe da Bahia e que ganhou um jeitão contemporâneo.

— O prazer de estar no Rio não acaba, e é um prazer cheio de razão. Sei que o Rio perdeu muito do seu jeito, da sua sutileza, da sua graça, o Cristo e o Pão de Açúcar meio que se perdem numa névoa poluída, mas a gente gosta. Sou baiano daqueles crentes, mas quando, aos 24 anos, aportei aqui num navio da Costeira num 4 de abril, virei carioca na mesma hora. Hospedei-me numa pensão no Centro e depois fui ver a Glória, o Flamengo e a bendita Copacabana. Hoje, a fisioterapia me permite levantar sozinho, então, quando bate vontade peço para me levarem de automóvel até o Leme, tomo uma água-de-coco, fico olhando os novos botequins de praia, tem um ali na ponta muito simpático. E camincho um pouco, o que as pernas agüentarem. Outro dia subi a serra e fui a Petrópolis, fui fazer uma coisa de que sempre gostei: ver a cidade de cima, o Rio todo através daquela bruma bonita... — A bruma faz Caymmi vagar, os ecos do passado vêm em ondas, mas elas não são melancólicas. Sente uma falta tremenda do seu equipamento de 78 rotações com caixa de agulha e tudo, onde ouvia os discos de sua coleção, e que foi roubado na época em que tinha casa em Rio das Ostras.

— Os ladrões adoram essa coisa de som, são apaixonados... levaram tudo que eu tinha de bom. Hoje ouço até uns CDs e uns DVDs, é impressionante como a televisão está dominando tudo, e tem aquele jogo maluco de música na internet que eu não consigo entender direito. Por isso prefiro

ficar com o rádio, desde que a Opus 90 acabou tive que me contentar com a Rádio MEC. Agora, quando chega um disco como esse que meus filhos fizeram em homenagem, a coisa pega... nunca fui de chorar, só sei chorar para dentro, mas, quando eles trouxeram o CD e puseram para tocar, eu não consegui conter o marejar dos olhos.

Nesse sentido, o do ouvir musical e o da contemplação artística, Caymmi admite que não consegue acompanhar a marcha do tempo. Não por uma dificuldade, mas pela natureza do que ouve.

— Nunca fui pessimista. Aprendi com bons mestres. Não sou um homem triste. Mas é impossível não enxergar o quanto a arte deixou de despertar um real interesse, sobretudo nas gerações que vêm chegando por aí. Os museus hoje parecem supermercados e não há aquele fascínio pelas grandes obras, aquela vontade de ir ao Louvre, a Nova York, a Roma, a Florença, ver as monumentalidades que o homem fez. E tem a música popular. Dizer isso não condiz com meu gosto, fica feio dizer, mas é preciso: o pessoal de hoje não sabe bem como é que faz, não conhece música direito. Repete-se muito. As palavras são banais. E os sambas cariocas? Eram gostosos, cultivavam o caricato, a graça... não há mais disso. Não há mais o amor dito com poesia.

Chega de reclamar. Caymmi anima-se, quer mostrar o escritório. — Aqui fico a maior parte do tempo, ouvindo meu rádio, lendo, e recebendo as visitas de Marina, minha bisneta, filha de Denise, que é filha de Nana. Tenho um xodó muito grande por ela, é muito agarrada em mim, acha o escritório divertido, ela fica comigo, e eu relaxo, mexo nos meus arquivos, nas minhas fotos. Você vê como está tudo organizado? É aquela menina, Elaine, que cuida de tudo, e que presta conta à Dona Stella. Assim posso ficar sonhando, sendo como eu sou.

A empregada entra. Avisa que ele está atrasado para o lanche. — Vou ter que encarar a merenda. Elas mandam, eu obedeco. Sempre foi assim. Nasci para ser governado. Elas me mandam tomar banho, eu levanto e vou, pacientemente. Assim sobra tempo para a contemplação.

Sem bengala em lugar às 90 da coleção, ele se levanta e assume o meio na mesa posta. Com as mãos juntas de oração, sorri, despedindo-se. ■



Visões diferentes da obra e do grande pai

Nana, Dori e Danilo se lembram da vida caseira e da presença do patriarca do clã Caymmi

João Pimentel

Dori sempre viu no pai a imagem da própria música. Mesmo assim, ressalta a educação tradicional baiana. Dorival fazia questão de que os filhos segurassem direito os talheres, tratassem os mais velhos com educação. Nana, a mais velha dos irmãos, diz que o pai sempre foi assumidamente machista. Com seu jeito deliciosamente escrachado, ela diz que o pai vivia muito a vida de músico, fora de casa, e ela sequer podia pensar em ser cantora ("Mulher não trabalhava. O que eu fazia era lavar cinzeiro, arrumar a casa..."). Já Danilo, o mais novo e o último a sair de casa, aproveitou um Dorival mais caseiro, que o levava para o Sítio Maracangalha, comprado com o dinheiro ganho com a música homônima, e passava as tardes ouvindo programas no velho rádio Zenith. Como toda família que se preze, o clã Caymmi guarda imagens e sentimentos diferentes do patriarca.

Além de cultivarem lembranças distintas, os irmãos, que lançaram no início do mês o CD "Para Caymmi de Nana, Dori e Danilo", apesar de admirarem a obra de Dorival como um todo, têm preferências diferentes quando perguntados pelas fases do compositor.

Dori sempre acompanhou o pai em programas de rádio e, mesmo tendo nascido no Rio de Janeiro, acredita que a força motriz de Dorival está nas suas canções praias:

— As músicas sobre o mar, para mim, são as mais importantes. As canções praias são as que deveriam ser divulgadas para sempre — diz Dori. — Minha imagem definitiva é a dele cantando a canoa, a jangada. É a relação dele com a Bahia transformada em música. Assim como o

Caribé fez na pintura e Jorge Amado, na literatura.

Nana, a idealizadora do CD do trio de irmãos, que traz apenas os sambas, já prefere essa outra praia do pai. No ano passado, ela dedicou um disco inteiro às músicas do velho Caymmi, o belo "O mar e o tempo" (também o título da biografia que a filha da cantora, Stella, fez do avô), reunindo diversas facetas de sua obra. Álbum que acabou sendo uma amostra de uma caixa que gostaria de fazer com CDs temáticos, cada um abordando uma fase: as canções praias, os sambas baianos e os sambas-canções.

— Adoro os sambas do papai porque eles foram criados no momento mais rico do samba e de toda a música brasileira.

Danilo exalta a forma sensual como o pai canta as mulheres

Também amante da fase carioca do pai, Danilo, no entanto, tem um motivo todo pessoal para a sua escolha:

— Os sambas retratam a minha visão do meu pai. São a imagem que eu tenho

dele como um amigo que dividia as minhas questões adolescentes e, mais tarde, o meu despertar como músico — conta. — Foi na sensualidade, no duplo sentido delicado e na maneira de falar das mulheres que eu procurei e procure me espelhar até hoje.

E como foi para os três a descoberta que aquele pai que reunia a família para ouvir Orlando Silva, Silvio Caldas e Jacob do Bandolim também era um dos maiores nomes da música brasileira, influência de gerações e gerações de músicos?

— Sempre vi meu pai como um amigo. Ele foi meu primeiro parceiro, na música "O nega como é que pode". Pouco depois fiz muito sucesso com "Andança" (parceria com Edmundo Souto e Paulinho Tapajós) e as pessoas vinham me perguntar se ele havia feito a música — lembra Danilo. — Só entendi a importância dele mais tarde, quando ele fez "Caymmi visita Tom". Eu admirava demais o Tom Jobim, e quando vi a admiração que ele tinha pelo meu pai, a ficha caiu.

— Eu percebi muito cedo a importância do meu pai. Rolava muita festa lá em casa. Sabe como é família pobre, né? Quando morávamos em São Cristóvão, a turma sempre se reunia para comer, ouvir música. Lembro que um dia, quando a festa estava no fim, se eu não me enganava eram umas 4h, um tio olhou para o relógio parado na parede e disse: "Com todo esse espóreo e ainda são 19h..." — conta Nana. — Lembro-me também dos amigos da família, dos médicos que iam para a nossa casa na Barão de Ipanema. Quando meu pai pegava o violão, todos faziam um silêncio que dava para a gente ouvir o que acontecia na Barata Ribeiro.

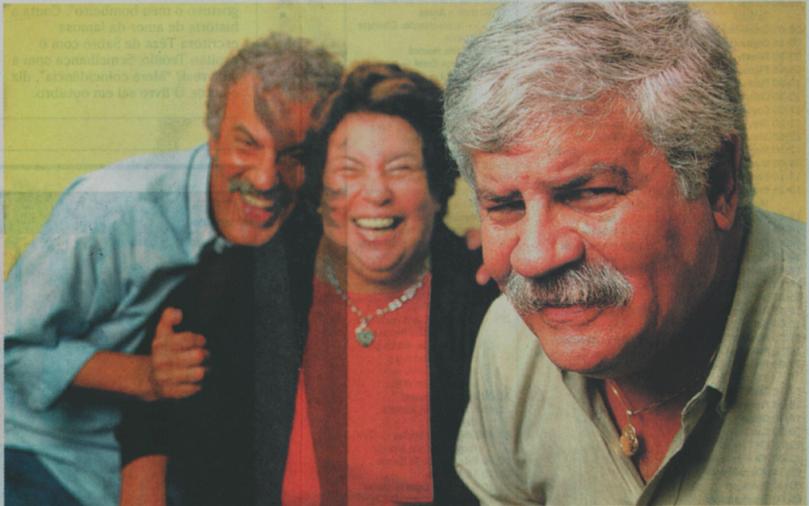
Dori era o filho que acompanhava Dorival nas gravações do rádio

O primeiro a perceber desde bem cedo o gênio que estava por trás da figura paterna foi Dori:

— Eu sempre fui o filho que ia com ele para as gravações nas rádios. Eu adorava aquele mundo. Lembro-me de um programa do Antônio Maria. Até hoje me vem a voz do apresentador: "Lá Sans apresenta Dorival Caymmi." E ele entrava tocando seu violão único. Poucos músicos têm essa personalidade ao violão.

Dori, o arranjador da família, por sinal, é quem melhor define musicalmente o pai. Ele concorda quando Dorival diz que a sua voz e o seu violão formam um só instrumento:

— É um artista de luz própria como não existe mais. Acompanhei ele muitas vezes em shows e isso se refletia no olhar das pessoas que estavam assistindo. Ele e um violão no palco se bastam — explica. — João Gilberto disse, certa vez, em entrevista, que o que mais lhe fascinava era o poder de síntese de papai. Quem mais faria "a jangada saiu com Chico, Ferreira e Bento/ A jangada voltou só...?" ■



DANILO (À ESQUERDA), Nana e Dori: um pai rigoroso, tradicional e uma casa onde a música era a principal linguagem e fator de união

penelope cruz victoria abril

O Céu e o Inferno estão na Terra... e de salto alto.

SEM NOTÍCIAS DE DEUS

com Gael García Bernal e Fanny Ardant

EXCLUSIVAMENTE NO ESTÁGIO PAISSANDU

Classificados do Globo. Procurou, achou.

2534-4333

THIS IS THE CHIVAS JAZZ FESTIVAL

MAIO 2004 - 22:00H

RIO DE JANEIRO

5 QUARTA
BUD SHANK QUARTET
LOUIS HAYES & CANNONBALL ADDERLEY
LEGACY BAND

6 QUINTA
ANDREW HILL TRIO
SHEILA JORDAN & STEVE KUHN TRIO

7 SEXTA
TOM HARRELL QUINTET
RAUL DE SOUZA & QUINTETO
BOBBY PREVITE'S BUMP - THE RENAISSANCE BAND

8 SÁBADO
RICHARD GALLIANO & FRENCH TOUCH QUARTET
THE SUN RA ARKESTRA
UNDER THE DIRECTION OF MARSHALL ALLEN

MARINA DA GLÓRIA Av. Infante D. Henrique, 5119

www.ticketronics.com.br

Call Center: 0300-789-3350

TAM LPC ASSINANTE

Assinantes do jornal O Globo têm 50% de desconto na compra de até 2 ingressos.

www.chivasjazz.com.br

PARA CAYMMI. DE NANA, DORI E DANILO. UM CD QUE FEZ O ÍDOLO VIRAR FÃ.

"Eu não sou de chorar, mas, quando ouvi pela primeira vez, eu senti meu coração arder." (Dorival Caymmi)

Pela primeira vez, os filhos cantam juntos os sambas de Caymmi. Uma homenagem emocionante de Nana, Dori e Danilo aos 90 anos do pai. Breve também em DVD.

WARNER MUSIC BRASIL

Festa em Hollywood ao som de Caymmi

• **A MÚSICA DE DORIVAL** Caymmi, Noel Rosa e Ary Barroso animou a festa organizada pelo conselheiro-geral brasileiro, Sr. Roberto de Oliveira Campos, para os astros americanos que estiveram recentemente no Brasil para participar do Festival de Cinema em São Paulo. A festa foi ótima, com muita camaradagem e música brasileira, durando das 18h às 4h.

• **JÁ NOS REFERIMOS** sobre o contínuo do Banco do Brasil que está arrastando verdadeiras multidões à sua humilde residência no município de São Leopoldo (RS). Oswaldo de Jesus Vieira apresentou-se como o "novo Messias" e as notícias de curas milagrosas espalharam-se por todas as terras gaúchas. O "miraculoso pastor" passou a ser o assunto predileto dos jor-

nais e estações de rádio locais e assim teve oportunidade de "deitar falas", apresentando a sua "doutrina" e pregando a volta aos bons costumes. Mas a notoriedade de Oswaldo lhe foi fatal. É que veio a ser descoberto que o "santo homem" já se casou três vezes e, no cartório da 1ª Zona de Porto Alegre, só existe o atestado de óbito de sua primeira esposa. A segunda consorte do "homem dos milagres" está bem viva. Eis, pois, que, de um momento para outro, Oswaldo Vieira desceu das "alturas metafísicas" e terá que enfrentar as duras conseqüências de seus atos terrenos e nada cristãos.

• **NA MESMA HORA** em que o Sr. Plínio Salgado estiver falando domingo, em Belo Horizonte, no auditório da Secretaria de Saú-

de, ao encerrar-se a convenção estadual do PRP, o diretório acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade de Minas fará realizar um comício de protesto no centro da cidade. O PRP está anunciando sua convenção com grandes cartazes, em que proclama que "o partido tem o mesmo chefe, a mesma idéia e a mesma luta". Em manifesto, hoje publicado, os estudantes protestam contra esta "revivescência do fascismo indígena". E acrescentam: "Nós, universitários de Minas, repudiamos a reimplantação do fascismo no Brasil".

• **COINCIDINDO O FERIADO** de amanhã com o dia de sábado, somente poderão funcionar amanhã, até o meio-dia, os armazéns (mercearias), cabeleireiros e barbeiros.

SALARIO MINIMO SO COM ASSIDUIDADE INTEGRAL

SERA MESMO DE C\$ 2.400,00 PARA O DISTRITO FEDERAL. MAS O TRABALHADOR QUE FALTAR A SEQUER UMA HORA DE SERVIÇO PERDERA TODO O REPOUSO REMUNERADO

EXPECTATIVA DE REAÇÃO DOS MEIOS OPERÁRIOS CONTRA A EXIGÊNCIA



Demagogia, contra todo o bem-estar

"MARCHAMOS INEVITAVELMENTE PARA UM 'CRACK' FINANCEIRO"



Será homenagem ao Brasil e ao Brasil das ruas

O GLOBO



A mais irrefletida das groves

Desvendado o mecanismo de fraude

Surpreendida a delegação dos E.E. U.U. em Genebra com as declarações de Eisenhower

O "New Masses", que pregou a "liberdade política"

REAÇÃO, EM MINAS, CONTRA O "FASCISMO INDÍGENA"

Deputados, muros e televisão

"AD PÉ DE NUSSAS MÃES, TODOS SOMOS CRENTES."



Deputados, muros e televisão

Deputados, muros e televisão

Sósia de Wladimir Palmeira: novela

• Até Wladimir Palmeira estará representado em "Senhora do destino", nova novela de Aguinaldo Silva. Um sósia dele aparecerá discursando, como na famosa foto da Passeata dos cem mil, em 68.

E mais...

• A nova novela das 20h da Globo terá muitas imagens de arquivo de 68. E cenas feitas com sócias de Carlos Lacerda, Costa e Silva, Tenório Cavalcante e Paulo Francis.

Unha e cutícula

• Priscilla Fantin e Murilo Benício são a nova dupla inseparável do Projac. Os atores de "Chocolate com pimenta" vivem para cima e para baixo como amigos de infância.

CONTROLE REMOTO



PATRÍCIA KOGUT

Espírito olímpico mantém acesa a tocha

• O "Casseta" tratará de Olimpíadas, mas não será gravado em Atenas em agosto, quando acontece o evento. Já que os humoristas não terão acesso autorizado aos bastidores dos

jogos, decidiram embarcar em julho. Eles farão outras reportagens na cidade antes da chegada dos turistas, quando tudo encarece. E gravarão uma parte no Projac.

Carlos Ivan



DORI, NANA e Danilo Caymmi cantam "A vizinha do lado", do mestre Dorival, no Sobradinho: cena de quinta-feira que vem em "Celebridade"

SEGUNDO CADERNO

ARTHUR DAPIEVE

Morrer no mar

Uma canção para a eternidade

Em 90 anos de vida, Dorival Caymmi compôs pouco mais de 120 canções. Dentro do universo minimalista de "Só louco", "Maracangalha" e "O que é que a baiana tem?", uma delas sempre me fascinou em particular: "É doce morrer no mar", parceria com seu conterrâneo Jorge Amado. Devo tê-la ouvido primeiro na versão que Clara Nunes fez em 1973. Eu era um garoto de 9 ou 10 anos em Copacabana. Por coincidência, o bairro escolhido pelo compositor quando se mudou de Salvador para o Rio, em 1938.

Tendo praticamente sido criado dentro da água salgada, e já tendo visto alguns cadáveres carcomidos devolvidos à praia, causava-me algum espanto que a morte no mar pudesse ser considerada doce. Eu ainda não tinha sido apresentado às licenças poéticas. A música, no entanto, era linda linda linda e nunca me saiu da cabeça. Um pouco mais tarde, testemunhando o esforço infrutífero dos guarda-vidas para salvar alguém que se debatia no Posto Cinco, pensei "ele foi se afogar/ Fez sua cama de noivo/ No colo de Yemanjá".

Entendi a mensagem. Passou-se mais um tempo até eu ouvir a versão que o próprio Caymmi gravara para seu primeiro LP, "Canções praieiras", de 1954. Naquele tempo, um LP tinha apenas dez polegadas, não 12, e continha oito faixas. "É doce morrer no mar" abria o lado B. Sozinho ao violão, vozeirão imponente, o compositor baiano tornava a canção mais sombria, dava-lhe a força de um mito grego, conforme, fazendo suas as palavras de uma mulher, lamentava "o marinheiro bonito" que a "sereia do mar levou".

"Canções praieiras", lançado pela Odeon, era um álbum conceitual. Coletava, em novas gravações, canções de Caymmi dedicadas ao tema do mar, recorrente como ondas em sua obra. O LP também trazia, por exemplo, "O mar", "A jangada voltou só" e "Quem vem pra beira do mar". Com exceção desta, primeiro registrada por Aracy de Almeida naquele mesmo 1954, as outras citadas eram bem anteriores. "É doce morrer no mar", por exemplo, fora composta em 1940. E lançada num 78 RPM da Columbia em 1941.

Em "Dorival Caymmi — O mar e o tempo" (Editora 34/Grupo Pão de Açúcar, 2001), biografia que escreveu para o avô, minha colega de faculdade Stella Caymmi contou as circunstâncias singulares em que "É doce morrer no

mar" havia sido composta em 1940. Era um almoço de São João em Vila Isabel, na casa do pai de Jorge Amado, o coronel João Amado de Faria. Estavam presentes, entre outros, Érico Veríssimo, Moacyr Werneck de Castro e Otávio Malta. No meio dos comes, bebes e chistes, Caymmi anunciou que pretendia musicar um trecho de "Mar morto", romance de Jorge Amado sobre os saveiristas da Bahia, publicado pela José Olympio Editora quatro anos antes.

Os presentes, então, se empenharam em,

numa espécie de concurso, criar e adaptar uma letra. Alguns versos, como "a noite que ele não veio/ Foi de tristeza para mim/ Saveiro voltou sozinho", já constavam de "Mar morto". Outros foram sendo incluídos por Caymmi ou sugeridos pelos comensais. O compositor, mestre em sua arte, ia copidescando Jorge Amado e até dispensando Érico Veríssimo. Como anota Stellinha, "ora veja o leitor, eles podiam se dar ao luxo de cortar um verso do grande Érico Veríssimo. Que fartura!".

Seja como for, "É doce morrer no mar" mostrou-se uma obra-prima, uma das muitas de Caymmi. Na sua melodia simples embora solene, na sua triste embora conformada letra a quatro mãos, ela sintetiza uma das principais vertentes da obra do compositor que tem a palavra "mar" no título de sua biografia e no da caixinha que reúne seus discos ("Caymmi, amor e mar", EMI, 2000). Nela, o oceano surge tanto como uma origem, uma vasta extensão de líquido amniótico, quanto como um fim, um nada, uma força inapreensível pela razão. Ou, como ele próprio escreveu em "Quem vem pra beira do mar", "A onda do mar leva/ A onda do mar traz/ Quem vem pra beira da praia, meu bem/ Não volta nunca mais".

É curioso, ainda, que tal linha de trabalho de certa forma tenha sido afogada pela popularização, e Caymmi foi o grande responsável por isso, como homem e como artista, da imagem de uma Bahia idílica, solar, sorridente, carnavalesca. Porque suas músicas também estão coalhadas de jangadas fantasmas, pescadores desaparecidos, cadáveres roídos de peixes, esperanças naufragadas, destroços emocionais. E são maravilhosas assim.

Quem quer que tenha passado boa parte da vida diante, dentro ou em cima das águas de Itapoan, de Copacabana ou de qualquer outra praia, mais ou menos bravia, carrega vida afóra o respeito pelas ondas e pelas pessoas que as enfrentam, pescadores ou surfistas, sejam seus nomes Chico Ferreira ou Mark Foo. E entende que, sim, é doce morrer no mar.

Feliz aniversário e obrigado, muito obrigado, mestre Caymmi.

■ ■ ■ ■ ■

Sejamos realistas, companheiros de sofrimento. O técnico Levir Culpí não foi o culpado pelas péssimas campanhas do Botafogo no Campeonato Estadual, na Copa do Brasil e neste início de Campeonato Brasileiro. Ele operou foi o milagre de, com basicamente este mesmo limitadíssimo grupo de jogadores, trazer o time de volta à Primeira Divisão. Sou grato a ele. E ao Bebeto. Primeira Divisão, porém, é outro papo. Sem reforços de verdade, agora inclusive na posição de treinador, temo que meu clube do coração seja o grande favorito ao rebaixamento. Gato escaldado tem medo de água fria.

E-mail para esta coluna: dapieve@oglobo.com.br

